

The background of the page is a historical map of the Bay of São Francisco. An inset in the upper right shows a harbor scene with several three-masted sailing ships. The text 'Le Havre Royal de S. Francisco' is written across the water in the inset. The main map shows the bay's coastline, with labels like 'Porto Francisco', 'S. Francisco', and 'Vila Rica'. The title 'CORRESPONDÊNCIA ENTRE ANNA DE CASTRO OSÓRIO E MONTEIRO LOBATO' is printed in large, bold, black capital letters across the middle of the map. The author's name 'Marisa Lajolo' is written in a smaller, italicized font to the right of the title. The text of the article is overlaid on the map, with some words appearing in a larger, semi-transparent font behind the main text.

CORRESPONDÊNCIA ENTRE ANNA DE CASTRO OSÓRIO E MONTEIRO LOBATO

Marisa Lajolo

Corria o ano de 1925 quando as duas cartas¹ que seguem cruzavam o Atlântico.² Escritas à máquina, elas atestam a modernidade de seus signatários. A fiança é importante porque ambos habitavam países pobres e afastados dos grandes centros em que se definia economia, política, cultura. A primeira carta vem de Portugal e a segunda do Brasil.

De um lado, a remetente é a portuguesa Anna de Castro Osório (1872 - 1935), escritora por ofício, autora de uma já então farta obra infantil e didática (entre outros títulos *Alma Infantil* [1899], *A Minha Pátria* [1906], *Viagem Aventurosa de Felício e Felizarda ao Pólo Norte* [1922]) e ligada ao meio editorial pela sua Empresa Lusitânia. De outro, o brasileiro Monteiro Lobato (1882 - 1948), famoso no Brasil pela polêmica figura do Jeca Tatu, tendo já publicado parte significativa de sua ficção adulta (*Urupês* [1918], *Cidades Mortas* [1919] e *Negrinha* [1920]) e fundado a Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato.

Em 1925, Monteiro Lobato não tinha ainda se revelado como escritor infantil, o que só vem a ocorrer em 1931 quando inaugura com *Reinações de Narizinho* a saga do sítio do Picapau Amarelo. Devido a uma prolongada estiagem, São Paulo sofreu cortes drásticos no fornecimento de energia elétrica, o que prejudicou bastante as atividades editoriais de Lobato, que havia recentemente modernizado o parque gráfico de sua editora. No segundo semestre, a Gráfica Editora Monteiro Lobato vai a falência e o horizonte político é instável: enquanto a coluna Prestes-Miguel Costa cortava o Brasil, rescaldava-se o tenentismo paulista, e já se articulava a criação do Partido Democrático.

Na república das Letras, Oswald de Andrade publicava suas *Poesias Reunidas*.

Contextualizando escritores e cartas, um mundo em transformação.

Em 1925, sinais sinistros vinham da Alemanha, onde Hitler reorganizava o Partido Nazista e editava seu livro *Mein Kampf*. A Itália seguia-lhe os passos, mas os sinais de perigo eram tênues, e pareciam dissolver-se no ritmo quente do *charleston* que animava os salões. Enquanto os despreocupados dançavam, Eisenstein filmava o *Encouraçado Potenkin* e Chaplin *A Corrida do Ouro*. Picasso e Chagall mantinham na pintura uma festa de cores e formas, que contrastava com os tons sombrios de *O Processo* de Franz Kafka, metáfora que antecipava o horror que estava por vir.

As festas que em 1922 celebraram o centenário da Independência brasileira incluíram o vôo Lisboa-Rio de Janeiro com que Gago Coutinho e Sacadura Cabral cruzaram o Atlântico, passando a limpo a viagem de 1500 do outro Cabral. E coincidiram com a semana de Arte Moderna, festival artístico, que, numa São Paulo já quase desvairada, acendia fumaças anti-lusitanas.

Também no pacote de comemorações do grito do Ipiranga, incluía-se a assinatura de uma *Convenção sobre a propriedade literária entre Brasil e Portugal* que, regulamentada em 1924, isentava de impostos a importação de livros portugueses, golpe letal para a nascente indústria brasileira do livro.

Portugal também se transformava, sua República tinha quinze anos e o Modernismo dez, datando a revista *Orpheu* de 1915.

Sob a presidência de Artur Bernardes, o Brasil assistia à publicação do jornal comunista *A Classe Operária* e promulgava a legislação trabalhista que incorporava o direito a férias. A população brasileira batia os trinta e quatro milhões de habitantes e a de Portugal os seis; entre 1904 e 1933, Portugal contribuiu com mais de oitocentos mil emigrantes para o Brasil.

É neste complexo cenário, que os finos fios da correspondência trocada entre Anna de Castro Osório e Monteiro Lobato deixam um rastro de sugestões para pesquisas que queiram desvendar bastidores e camarins das tão pouco conhecidas relações culturais luso-brasileiras.

As relações da escritora com o Brasil eram muito estreitas. Estreante na literatura infantil em 1897 com uma coleção de contos populares (*Para as Crianças*), Anna de Castro Osório viveu em São Paulo entre 1911 e 1914 (seu marido era Cônsul de Portugal), formulou propostas para intercâmbio cultural entre os dois países (*A Grande Aliança*), e incluiu o Brasil no roteiro de viagem de suas personagens infantis (*Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*).

As posições de Monteiro Lobato face a Portugal são complexas. Uma entrevista que deu em 1922, na qual comenta as relações lingüísticas entre

os dois países pode iluminar um pouco as mal-traçadas com que responde à escritora portuguesa:

A nova língua, filha da lusa, nasceu no dia em que Cabral aportou no Brasil.

Não há documentos, mas é provável que o primeiro brasileiro surgisse exatamente no dia 22 de abril de 1500. E desde então não se passou um dia sem que a língua do reino não fosse na colônia infiltrada de vocábulos novos, de formação local, ou modificada na significação dos antigos.

Hoje, após 400 anos de vida, a diferenciação está caracterizada e de modo tão acentuado, que um camponês do Minho não compreende nem é compreendido por um jeca de São Paulo ou um gaúcho do sul.

Isto quer dizer que no povo – e a língua é criação puramente popular – a cisão já está completa.³

Se esta opinião pode estar na base da radical deslusitanização da linguagem responsável pelo sucesso da obra infantil lobatiana, os números que cartografam o comércio livreiro entre Portugal e Brasil nos anos 20 podem explicar o travo meio mal-humorado com que o paulista responde à gentil cartinha da portuguesa.

Em 1924, o Brasil tinha importado 179.793 quilos de livros de Portugal e exportado 648. Em 1925, a importação diminuiu e a exportação aumentou, mas as cifras continuam muito assimétricas: Portugal vende ao Brasil 118.839 quilos de livros e compra 2.737.⁴

Números: se calhar, parodiando o Poeta, tudo é números!

Vamos, pois, às cartas que, como se sabe, não mentem jamais. A primeira é da escritora portuguesa para o escriba brasileiro.

11 de abril de 1925⁵

*Ex^{mo}. Senhor
Monteiro Lobato
São Paulo*

Ex^{mo}. Sr:

Sem carta a que tenha de responder a V.Ex^a. pois à vossa prezadíssima já respondi venho escrever-lhe para vários assuntos que nos interessam.

Por motivo de falta de saúde e alguns de família não tenho podido realizar a minha nova viagem ao Brasil, onde me sinto tão a gosto como na minha própria terra, nem sabendo bem distinguir pelo sentimento qual é a mais verdadeira pátria. Assim, não podendo fixar data para a ida venho escrever-lhe para mesmo de longe entrarmos na realização dos assuntos que nos podem interessar.

Em primeiro lugar participo a V.Ex^a. que a nossa casa editora vai entrar numa nova fase de progresso, ficando a sua direção exclusivamente a meu cargo e do meu filho João de Castro, desejando nós ligarmos mais intimamente as boas relações que já pessoalmente temos com V.Ex^a. e a sua casa.

A venda dos livros brasileiros tende a espalhar-se aqui, como é útil e justo, e nós teremos a maior satisfação em promover esta aproximação que só valor dará à literatura da língua portuguesa em conjunto.

A atividade editorial da nossa casa será especialmente posta ao serviço da literatura infantil, mas como propaganda e venda todos os gêneros nos interessam. Como tencionamos publicar uma revista literária e de propaganda nela daremos uma boa nota das suas obras.

Pessoalmente venho perguntar-lhe se deseja ser editor dum romance que tenho pronto a ir para a tipografia e que me parece poderá interessá-lo. O seu título é Mundo Novo e a sua ação decorre quase toda no Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo, devendo levar umas 300 páginas de texto. Querendo V.Ex^a. editá-lo cedo-lhe a primeira edição, fazendo eu aqui a propaganda e venda dos exemplares que V. Ex^a. entendesse, parecendo-me que a primeira remessa poderia ser 100 exemplares para ofertas e 200 para o mercado, vindo mais à proporção que se vendessem. Se V.Ex^a. não quizer ser o editor poderia ser aí o depositário dizendo-me logo de quantos exemplares precisaria para a sua venda em conta firme. Não sei se V.Ex^a me conhece como novelista porque os meus romances estão de há muito esgotados, mas estou renovando esta minha atividade com a publicação de algumas novelas. Ainda este mês terei o gosto de enviar-lhe uma pequena novela e um livro com mais três que me editou no Porto a Livraria Civilização. Por elas V.Ex^a. verá o interesse que pode [ter] esta minha obra literária, se bem que [o romance é mais] completo, e de interesse geral e seguido.

Aproveito a ocasião para perguntar se desejaria adquirir o direito à publicação dos meus livros da coleção Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda de que o segundo volume é como V.Ex^a. sabe uma

viagem ao Brasil e o 3º que tenho feito, e não publicado ainda, nova viagem ao Rio, Estados do Sul e São Paulo.

A edição existente é para Portugal nada tendo pois uma com a outra.

Tenho também em stock alguns dos exemplares do livro aí muito conhecido Lendo e Aprendendo e Uma Lição de História, assim como uma edição de 3.000 exemplares do livro de primeiras leituras escolares O livrinho encantador que me parece ainda podia ser vendido com agrado nas escolas. Aqui, nas edições para as nossas escolas, é dos que mais se vende.

Junto um exemplar ao da Grande Esperança que tomo a liberdade de enviar-lhe por este correio.

Ainda não enviei nenhum exemplar deste livro para aí (Brasil) porque estava à espera de o levar eu própria, demorando, porém, a minha ida envio a V.Exª. perguntando-lhe se deseja adquirir alguns exemplares para mandar juntamente os oferecidos aos jornais e poder fazer-se ao mesmo tempo a propaganda. Este livro vende-se aqui a 15\$00 (quinze escudos) esperando que V.Exª. me diga se lhe convém e as condições em que o deseja.

Desejaria muito entrar em relações diretas e da melhor camaradagem com V.Exª. não só sob o ponto de vista de camaradagem intelectual como editorial, não vendo interesse nenhum em continuarmos separados, como vamos estando agora, parecendo que somos dois mundos, quando afinal somos um só e para a sua maior grandeza coletiva devemos todos sinceramente trabalhar.

Aproveito a ocasião para dizer-lhe que meu filho José Osório de Oliveira, que V.Exª. aí conheceu, está publicando um livro sobre literatura brasileira, com um prefácio de Malheiro Dias, em que se refere à valiosa obra literária de V.Exª.

Aguardo com o maior interesse a resposta de V.Exª. e sou com a maior consideração

De V. Exª.

Cogª. Mª. Attª. Obrgª.

Quase um mês depois, em papel timbrado da sua Cia Gráfico Editora Monteiro Lobato, responde-lhe Lobato:

São Paulo, 14 de maio de 1925

Exma. Sra. D. Anna Osório
Capital.

Exma. Sra.

Em mãos sua carta de 11 de Abril, de cujo teor fico ciente, fazendo votos pela prosperidade de sua empresa.

Nossa companhia editora está neste momento fora do mercado, ocupada apenas em imprimir obras já em domínio público, dramalhões, bacamartes de Eschich, Ponson, Dumas, etc., únicas cousas que o Brasil lê. Como desejamos formar um grande fundo dessa mercadoria, reservamos este ano para isso e de acordo com esse programa não estamos examinando nenhum negócio verdadeiramente editorial, a não ser no ramo jurídico e didático. Por essa razão creio que não podemos fazer nenhum dos negócios que a Sra. propõe, sendo que alguns deles não estão na alçada de nossa empresa, que é apenas editora, não mantendo nenhuma livraria para venda direta ao público. Acresce ainda que por sistema não imprimimos nem editamos livros portugueses, visto que a ridícula reforma ortográfica que a república inventou é visceralmente repelida pelo nosso público. Apenas fizemos um livro nessas condições e já nos arrependemos.

Quanto à venda de obras brasileiras em Portugal, isto é cousa em que nem se sonha, não só por causa do câmbio, como porque a mentalidade dos dois países cada vez mais se antagoniza, e um não entende o outro. Basta lhe dizer que a nossa casa, com a produção já de um milhão de volumes por ano, e com cerca de 500 edições de sua propriedade, nunca vendeu um só livro em Portugal – e nem procura fazê-lo, porque é tempo perdido. As tentativas que em tempo fizemos foram um desastre completo. Tenho, por isso, a impressão que o Brasil e Portugal caminham em direções contrárias e nunca mais se entenderão.

Quando aparecer em São Paulo queira dar-me a honra da sua visita, pois de um entendimento pessoal pode resultar alguma coisa.

E disponha deste seu

Crdo. e Admr.

Bibliografia

- PINTO, Edite Pimentel. *O português do Brasil*. (textos críticos e teóricos) Seleção e apresentação de Edite Pimentel Pinto. EDUSP. Biblioteca Universitária de Literatura brasileira. 2º. vol 1920 - 1945. Fontes para a teoria e a história. 1981 (entrevista à *Folha da Manhã*, transcrita in Revista da Academia Paulista de Letras. Ano IV. Nº.15. 12 de setembro de 1941. pp 162-165. ???
- FRANCHETTI, Paulo. *Sobre a biografia de Pessanha*. <http://www.unicamp.br/~franchet/pessbio.htm> (28.03.2000)
- GÓES, Lúcia Sampaio. *Em busca da matriz*. (Contribuição para uma história da literatura infantil e juvenil portuguesa, São Paulo: Leia Clíper Editora, 1998.
- HALLEWELL, L. S. *O livro no Brasil* (sua história). Edusp, 1985.
- COELHO, Jacinto Prado. AMORA, Antonio Soares; DA CAL, Ernesto Guerra. *Dicionário de literatura* (Literatura brasileira, portuguesa, galega. Estilística literária.) Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Publicações, 1969 2 vol.
- MAGALHÃES, José Calvet de. *Breve história das relações diplomáticas entre Brasil e Portugal* (prefácio de Celso Láfer) São Paulo: Paz e Terra. Fundação Alexandre de Gusmão, 1999.
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1948.
- OSÓRIO, Anna de Castro. *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*. Ed. Comemorativa dos descobrimentos portugueses e da expo 98. Organização e prefácio de Fernando Vale. Instituto Piaget, 1998.
- PIRES, Daniel. *Homenagem a Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Português do Oriente, 1990.

Notas

- ¹ A autora agradece ao Prof. Dr. Paulo Franchetti a oferta de cópia das cartas a seguir transcritas.
- ² A pesquisa da qual faz parte a análise destas cartas desenvolve-se no interior do projeto Memória de Leitura, que desenvolvo junto à Unicamp, com financiamento do CNPq e da Fapesp.
- ³ *Apud* Edite Pimentel Pinto *O português do Brasil*. (textos críticos e teóricos) Seleção e apresentação de Edite Pimentel Pinto. EDUSP. Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira. 2º. vol. 1920-1945. Fontes para a teoria e a história. 1981. p. 58.
- ⁴ Cf. Hallewell, L. S. *O livro no Brasil* (sua história) Edusp. 1985. p. 296.
- ⁵ As cartas tiveram sua ortografia atualizada. Entre colchetes, textos de difícil leitura no original.